

A PANDEMIA POR COVID-19 E A POPULAÇÃO TRANS: OUTRA VULNERABILIDADE?

Abmael Cruz Amaral¹

Leticia Pereira Belo¹

Vinicius Novais Gonçalves de Andrade²

RESUMO: A pandemia causada por COVID-19 provocou inúmeras mortes no mundo inteiro, e expôs as vulnerabilidades sociais e estruturais da sociedade brasileira contemporânea, ressaltando a população trans. O ano em que houve mais mortes de pessoas trans no Brasil foi o de 2020, colocando-o como o país com maior taxa de assassinatos à população trans. Desta maneira, essa pesquisa tem o objetivo de analisar se a pandemia do COVID-19 fortaleceu a vulnerabilidade social experimentada pela população trans diante de um contexto em que medidas de isolamento social foram adotadas para conter o avanço do vírus Sars-CoV-2. Trata-se de uma revisão narrativa de literatura a partir de artigos e livros. Foram utilizados os descritores “População “LGBTQIA+” e “Pandemia” nas bases de dados científicos *SciELO*, *PePsic*, e o *Google Scholar*. Os resultados da pesquisa apontaram para definições conceituais de gênero (e os termos trans, transexual, travesti e transgênero); discussões sobre a pandemia de COVID-19 e sobre as consequências da pandemia para a população trans brasileira. Concluímos que o processo pandêmico acentuou a vulnerabilidade desse grupo populacional.

Palavras-chave: Covid-19. Trans. Gênero. Vulnerabilidade Social.

ABSTRACT: The pandemic by COVID-19 caused countless deaths worldwide, and exposed the social and structural vulnerabilities of contemporary Brazilian society, highlighting the trans population. The year that killed the most trans people in Brazil was 2020, placing it as the country with the highest rate of murders of the trans population. In this way, this research aims to analyze whether the COVID-19 pandemic has strengthened the social invisibility experienced by the trans population in a context in which social isolation measures were adopted to contain the advance of the Sars-CoV-2 virus. It is a narrative literature review based on articles and books. The descriptors “Population “LGBTQIA+” and “Pandemic” were used in the scientific databases *SciELO*, *PePsic*, and *Google Scholar*. The research results pointed to conceptual definitions of gender (and the terms trans, transsexual, transvestite and transgender); discussions about the

¹ Acadêmicos do curso de Psicologia do Centro Universitário Alfredo Nasser – UNIFAN.

² Pós-doutorado em Psicologia. Doutor em Psicologia pela PUC Goiás (com período de doutorado sanduíche na Universidade do Porto na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação). Mestre em Psicologia (PUC Goiás). Psicólogo graduado pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Psicanalista. Coordenador do curso de Psicologia do Centro Universitário Alfredo Nasser e docente da mesma instituição. Contato: viniciusnovais@unifan.edu.br

COVID-19 pandemic and the consequences of the pandemic for the Brazilian trans population. We conclude that the pandemic process accentuated the invisibility of this population group.

Keywords: Covid-19. trans. Genre. Social Invisibility.

1. INTRODUÇÃO

No ano de 2020, a pandemia global ocasionada pela COVID-19 matou, até a confecção desse artigo, 587 mil pessoas em território nacional brasileiro. Com isso, inúmeros problemas sociais, econômicos e políticos existentes anteriormente, se fortaleceram. De forma paralela, no ano de 2020, o Brasil foi o país que mais matou pessoas da população trans (travestis e transexuais) ao redor do mundo.

Uma classe que é marginalizada em nossa sociedade é a das travestis e transexuais (transgêneros ou simplesmente trans), no qual são consideradas minorias sociais e, devido a fatores de cisnormatividade e heteronormatividade, são alvos de atos de discriminação e violência (ANDRADE, 2017; CRUZ *et al.*, 2020). Os marcadores de gênero, raça, nível socioeconômico estão presentes a todo o momento em uma sociedade, e não perecem com o início de uma pandemia global, ao contrário, tendem a se intensificarem e evidenciarem as enormes vulnerabilidades sociais.

Em outras palavras, a vulnerabilidade social vivida pela população trans tende a aumentar o número de violências sofridas. Deste modo, se faz necessário pensar como o isolamento social impacta as populações que vivem, culturalmente, como escórias da sociedade (DOURADO; GOMES; SOUZA, 2020).

Pelo exposto, este artigo tem como objetivo, analisar se com a experiência da pandemia de COVID-19, a vulnerabilidade social da população trans se potencializou diante um contexto em que medidas de isolamento social são adotadas, prejudicando diretamente profissionais autônomos, como é o caso desta população, em que 90% das mulheres transexuais e travestis trabalham

com a prostituição por falta de oportunidades de emprego (DOURADO; GOMES; SOUZA, 2020).

Inicialmente faremos uma discussão acerca dos aspectos relativos ao gênero, e como ele pode ser explicado como uma construção sócio-histórica e de discurso. Em seguida, descreveremos o que é COVID-19 e como a mesma ressalta as desigualdades sociais. E por fim, o estudo relacionará os efeitos de COVID-19 na população trans, analisando se as consequências da pandemia intensificam a vulnerabilidade sofrida pelos mesmos.

2. METODOLOGIA

Para construção desta pesquisa foi utilizada uma metodologia de revisão narrativa de literatura que, do ponto de vista de suas características, “possui caráter amplo e se propõe a descrever o desenvolvimento de determinado assunto, sob o ponto de vista teórico ou contextual, mediante análise e interpretação da produção científica existente” (HIRT, 2016, p. 9). Foi realizada a busca por livros e artigos nas plataformas *online* de informações científicas como *Scielo*, *Pepsic* e *Google Scholar*, com os descritores “População “LGBT” e “Pandemia”. O critério de seleção/inclusão se deu pelos anos de publicação, a partir de 2017 (portanto, dos últimos 05 anos para manter a atualidade das discussões), e que tivessem relação com os temas: gênero, grupo populacional trans e pandemia por COVID-19. Assim, observou-se a necessidade de elucidar sobre gênero, COVID-19 e a tentativa de construir conhecimento científico sobre as formas pelas quais a população trans foi afetada pelo momento pandêmico contemporâneo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1. Discussões preliminares sobre Gênero

Segundo Butler (2015) o gênero é uma categoria performativa porque é formado pela estilização de repetições. Para ela, o gênero não pode ser

entendido como algo sólido, mas constituído como algo que se repete na história. A concepção de performatividade tem uma função importante na construção e desconstrução de gênero, pois o gênero é formado perante os atos que o sujeito executa em suas relações de poder (RECKE, 2018).

Conforme Jesus (2012, p. 7), a transexualidade pode ser definida como:

uma questão de identidade. Não é uma doença mental, não é uma perversão sexual, nem é uma doença debilitante ou contagiosa. Não tem nada a ver com orientação sexual, como geralmente se pensa, não é uma escolha nem é um capricho. Ela é identificada ao longo de toda a História e no mundo inteiro. O que importa é que a transexualidade não é uma benção nem uma maldição, é apenas uma condição, como tantas outras. A resposta mais simples e completa que define as pessoas transexuais é a de que: Mulher transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento como mulher. Homem transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento como homem.

Do ponto de vista identitário de gênero, as travestis podem ser caracterizadas como:

pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero. É importante ressaltar que travestis, independentemente de como se reconhecem, preferem ser tratadas no feminino, considerando insultoso serem adjetivadas no masculino: AS travestis, sim. Os travestis, não. A nossa sociedade tem estigmatizado fortemente as travestis, que sofrem com a dificuldade de serem empregadas, mesmo que tenham qualificação, e acabam, em sua maioria, sendo forçadas a trabalharem como profissionais do sexo. Entretanto, nem toda travesti é profissional do sexo (JESUS, 2012, p. 9).

Butler (2016) utiliza dois conceitos importantes para construir sua argumentação sobre performatividade de gênero, que é a ideia de iterabilidade e citacionalidade. A autora afirma que na exigência social da repetição das normas que habita a força e a vulnerabilidade do ato performativo; a repetição é o que assegura a força da lei, mas é, também, o que permite o seu desacerto de curso (VIANA, 2020).

Assim, para Butler (2015, p. 69), o gênero “[...] é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”. De acordo com Butler (2015 *apud*

RECKE, 2018, p. 13) “os vários atos de gênero criam a ideia de gênero, e sem esses atos não haveria gênero algum, pois não há nenhuma ‘essência’ que ele expresse ou exteriorize, nem tão pouco um ideal objetivo ao qual aspire”. Em síntese, masculinidades e feminilidades não são naturais e, tampouco, a anatomia é um destino, um fim último para a experiência de gênero. Os efeitos da naturalização das masculinidades e feminilidades mostram-se na montagem de hierarquias de poder e subordinação e nos acessos e não acessos sociais de algumas expressões de gênero em detrimento de outras, como no caso da pandemia por COVID-19.

3.2. Pandemia por COVID-19

Em dezembro de 2019 a China foi surpreendida por um acontecimento catastrófico, o surgimento do SARS-CoV-2, o qual, logo em seguida, invadiu todos os continentes causando uma pandemia impensada anteriormente; algo que a população teve que enfrentar e que mostrou seus efeitos negativos até o momento atual (NUNES *et al.*, 2020).

Vários países programaram uma série de intervenções para a redução dos danos provocados pela pandemia. Uma dessas intervenções incluiu o isolamento e distanciamento social. Tais medidas foram implantadas de modo gradual e diferentes de acordo com os aspectos culturais, socioeconômicos, de características dos sistemas políticos e de saúde de cada país (AQUINO *et al.*, 2020).

Para Estrela *et al.*, (2020) a instauração da pandemia repercutiu de maneira avassaladora em pessoas que já estavam em situação de vulnerabilidade social por conta da ausência do trabalho, condições inadequadas de moradia e dificuldade de acesso aos serviços de saúde, ou seja, esses sujeitos já eram atingidos, principalmente aqueles com menores rendas e condições sociais desfavoráveis, como a população trans, e continuam sendo atingidos.

3.3. A população Trans e a Pandemia por COVID-19: reafirmação de processos de vulnerabilidade?

Ao longo da história, a população LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais e mais) esteve mais exposta a violências, mortes e violações de direitos e, no período de pandemia ocasionada pela COVID-19, esses eventos tenderam a se intensificar. Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA (2021) houve um aumento recorde de assassinatos contra travestis e mulheres trans no ano de 2020, sendo considerado o ano com maior número de mortes contra esta população no Brasil, totalizando 175 assassinados, e revelando um aumento de 201% em relação ao ano de 2008.

Logo, esses dados nos revelam uma realidade social cruel. Em 2019, de acordo com a Comissão Interamericana de Direitos Humanos, o Brasil foi o país com o maior número de homicídios de pessoas trans em todo o mundo (DOURADO; GOMES; SOUZA, 2020).

Estatísticas recentes apresentadas pela equipe do *Transrespect versus Transphobia World Wide* – TvT³, entre os anos de 2019 e 2020, o Brasil apresentou um total de 350 casos de assassinatos, permanecendo como o país com mais mortes em todo o mundo. A partir dos números elencados, é possível compreender que o estigma e preconceito contra pessoas trans vão além dos problemas intrínsecos a COVID-19, se constituindo como uma organização estrutural presente na atual sociedade.

A ANTRA, em seu boletim nº 2/2020, registra que se acreditava que durante a pandemia do COVID-19, os números de assassinatos contra as pessoas trans diminuiriam devido a obrigação do isolamento social, entretanto, os dados revelam um contexto em que as vulnerabilidades sociais aumentaram, mesmo diante um cenário de crise sanitária.

A COVID-19 trouxe uma pandemia global, e, historicamente quando ocorre uma crise sanitária, a sociedade tende a passar por mudanças. Trazendo para o contexto atual, as mudanças que o vírus ocasionou afetaram, principalmente, as minorias sociais, economicamente, psicologicamente e socialmente. Dentre as minorias, vale destacar transexuais e travestis.

³ As atualizações dos resultados estão publicadas no site da TvT. Disponível em: <http://transrespect.org/en/transmurder-monitoring/tmm-resources>.
Psicologias em Movimento - v.2, n.1: jan-jul, 2022.

Segundo Harvey (2020), a COVID-19 se revela como uma pandemia de classe, gênero e raça, na qual evidencia as vulnerabilidades sociais existentes em nossa sociedade. As medidas de segurança não conseguem ser cumpridas por todas as camadas sociais. A fome e a falta de renda prejudicam as políticas de combate ao vírus. Portanto, quando a Organização Mundial da Saúde - OMS orienta as pessoas ao redor do mundo que permaneçam em suas residências para conter o avanço do vírus, expõem as pessoas em situação de vulnerabilidade social, que necessitam sair de suas casas para garantir sua subsistência (SANTOS, 2020, p. 5).

A forma como a pandemia do COVID-19 se move escancara a precariedade da comunidade humana, moldada e movida pelo poder do racismo, da xenofobia, do machismo, do capitalismo e entre outras estruturas de opressões, (DOURADO; GOMES; SOUZA, 2020).

O isolamento social, utilizado como principal medida para combater os efeitos da pandemia a nível global, prejudicou diretamente a população LGBTQIA+, uma vez que os lares nos quais possuem núcleos familiares que não consentem com as vivências de seus filhos, tendem a serem residências violentas (ROCHA; NETO; PIO, 2021).

As casas dos mesmos tendem a ser espaços marcados por opressões, modelo patriarcal e estruturas hierárquicas de poder, ou seja, ambientes que durante a pandemia deveriam garantir a saúde física e mental de seus integrantes, acabam por produzir violência, (LEWIS, 2020). Vale salientar, que o isolamento social associado a vulnerabilidade social, se encontra presente na população trans antes de quaisquer crises sanitárias (ROCHA; NETO; PIO, 2021).

Um dado relevante que se agravou durante a crise sanitária mundial foram os altos índices de prostituição entre a população transexual e travesti. Conforme Ferreira e Silva (2020), 90% das mulheres transexuais e travestis, em sua maioria negras, semianalfabetas e com baixa expectativa de vida, trabalhavam com a prostituição por falta de oportunidades de emprego, o que as coloca em situação de maior vulnerabilidade psicossocial e, portanto, mais vulneráveis ao COVID-19.

Segundo Calmon (2020) e Oliveira (2020) inúmeras são as adversidades enfrentadas pela população trans que dependem da rua para sobreviverem durante o período da pandemia, tais como episódios de violência, altas taxas de Psicologias em Movimento - v.2, n.1: jan-jul, 2022.

assassinatos, dificuldade de acesso aos serviços de saúde e as políticas sociais, impossibilidade do acesso ao tratamento hormonal, falta de políticas específicas, e invisibilidade social.

Outro agravamento para a população trans, foi uma relativa piora na saúde mental dos mesmos. De acordo com a pesquisa realizada pelo Vote LGBT118⁴, 42,72% dos indivíduos elencaram a saúde mental como principal impacto da pandemia, seguido por afastamento de suas redes de apoio e falta de fonte de renda. Além disto, o sofrimento mental se encontra presente em toda a população LGBTQIA+. Conforme uma pesquisa divulgada pela UFMG e Unicamp (2020), “44% das lésbicas; 34% dos gays; 47% das pessoas bissexuais e pansexuais; e 42% das transexuais temem sofrer algum problema de saúde mental durante a pandemia do novo coronavírus” (DOURADO; GOMES; SOUZA, 2020).

No que diz respeito ao acesso da população trans aos serviços de saúde, é nítido que a utilização da rede é negligenciada, principalmente na Atenção Primária de Saúde (PEREIRA; CHAZAN, 2019), embora na Constituição Federal de 1988 seja previsto no artigo 196 que a saúde é direito de todos e dever do Estado. Questões envolvendo o atendimento prestado pelos profissionais de saúde, muitos deles com ações de discriminação, além da inadequação dos serviços a utilização do nome social do indivíduo são queixas frequentes da população trans (CRUZ *et al.*, 2020). O que deveria ser garantido pelo Estado, não o é, reforçando assim o sentimento de desamparo e solidão em relação as pessoas LGBTQIA+.

4. CONCLUSÕES

Tendo em vista os aspectos discutidos, podemos afirmar que a população LGBTQIA+ está mais exposta a violências, e que durante a pandemia da COVID-19 se intensificou causando um recorde de assassinatos contra pessoas transexuais e travestis, segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA (2021).

⁴ Diagnóstico LGBT na pandemia. Disponível em: <https://cutt.ly/Nji1JG5>.

Concluimos que as referências discutidas nesta pesquisa revelaram as severas consequências da pandemia em relação a população trans, tais como a fome e a falta de renda, afetando diretamente os grupos vulneráveis. Uma das principais medidas criadas pela Organização Mundial da Saúde – OMS foi o isolamento e distanciamento social como forma de prevenção ao COVID-19, mas essas medidas não estão levando em consideração as pessoas que precisam sair de casa para garantir sua sustentabilidade. Concluimos que o índice de prostituição aumentou entre transexuais e travestis por falta de oportunidades e empregos, se tornando evidente que tais medidas de prevenção, desconsidera a população trans que se expõe ao risco de contaminação para manter a sua sobrevivência, tendo assim seus direitos violados.

Para tentar reduzir esses prejuízos faz-se necessário a construção e efetivação de políticas públicas direcionadas a travestis e transexuais, além de discussões acerca de novas maneiras de estabelecer relações sociais, pois essa pesquisa demonstrou um padrão de vulnerabilidade em relação a esse grupo, intensificadas por consequência da pandemia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Vinicius Novais Gonçalves. Transfobia no percurso denunciativo brasileiro: um estudo a partir do Disque Direitos Humanos da Presidência da República. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2017.

AQUINO, Estela, M. L. *et al.* Medidas de distância social para controle da pandemia COVID-19: Potenciais impactos e desafios no Brasil. Medidas de distância social para controle da pandemia COVID-19: Potenciais impactos e desafios no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva* [online], v. 25, P. 2423-2446, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>. Acesso em: 16 Nov. 2021.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Boletim nº 02/2020**. Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2020/11/boletim-2-2020-assassinatosantra.pdf>. Acesso em: 05 set. 2021.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Mapa dos Assassinatos de 2021**. Disponível em:

<https://antrabrazil.files.wordpress.com/2021/07/boletim-trans-002-2021-1sem2021-1.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2_016.pdf. Acesso em: 22 nov. 2021.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam*. Sapere Aude – Belo Horizonte, v.6 - n.11, p.12- 16, 2015.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Renato Aguiar (trad). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CALMON, Tricia Viviane Lima. As condições objetivas para o enfrentamento ao COVID-19: abismo social brasileiro, o racismo, e as perspectivas de desenvolvimento social como determinantes. **NAU Social**, [S. l.], v. 11, n. 20, p. 131–136, 2020. DOI: 10.9771/ns.v11i20.36543. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/nausocial/article/view/36543>. Acesso em: 16 nov. 2021.

CRUZ, Luan Chagas da; ABREU, Dafynie Dutra de; VIRGENS, Gleice Souza das; VALE, Jessica de Sousa. Vulnerabilidade da População Trans no Acesso à Atenção à Saúde: Contexto Pandêmico. In: TORRES, C. A.; GADOTTI, M. (Org.). **Diálogos Contemporâneos: Gênero e Sexualidade na Pandemia**. São Luíz: Editora Expressão Feminista, 2021.

PEREIRA, Lourenço Barros de Carvalho; CHAZAN, Ana Cláudia Santos. O Acesso das Pessoas Transexuais e Travestis à Atenção Primária à Saúde: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, v. 14, n. 41, 2019. Disponível em: <http://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/06/996051/1795-10932-1-pb.pdf> . Acesso em: 07 set. 2021.

DOURADO, Adalberto Davi Cruz; GOMES, Amanda Costa; SOUZA, Daniela de Andrade. Pandemia da Covid-19: a vulnerabilidade social das pessoas trans e travestis a luz da Teoria Queer. In: **Seminário nacional de sociologia da UFS**, 3., 2020, São Cristóvão, SE. Anais [...]. São Cristóvão, SE: PPGS/UFS, 2020.

ESTRELA, Fernanda Matheus *et al.* Pandemia da Covid 19: refletindo as vulnerabilidades a luz do gênero, raça e classe. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 3431-3436, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.14052020>. Acesso em: 16 de Nov. 20210.

FERREIRA, Lola; SILVA, Vitória Régia. **O ano da pandemia e seu impacto nas mulheres, pessoas negras e LGBT+**. Disponível em: <https://www.generonumero.media/retrospectiva-2020/>. Acesso em: 10 set. 2021.

Psicologias em Movimento - v.2, n.1: jan-jul, 2022.

HARVEY, David. Política anticapitalista em tempos de COVID-19. In.: DAVIS, Mike, *et al.* **Coronavírus e a luta de classes**. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

HIRT, Leila Maria. **O cuidado pré-natal à luz da literatura: uma revisão narrativa**. Trabalho de Conclusão de Curso de Pós Graduação, Universidade Federal de Santa Maria, 2016.

JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos**. Brasília, 2012. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989>. Acesso em: 06 set. 2021.

LEWIS, Sophie. A crise do coronavírus mostra que chegou a hora de abolir a família. Blog Boitempo, 30 de março de 2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/30/a-crise-do-coronavirus-mostra-que-chegou-ahora-de-abolir-a-familia/>. Acesso em: 03 set. 2021.

NUNES, Renata *et al.* Manifestações Neurológicas da COVID-19. **Revista Científica Hospital Santa Izabel**, v. 4, n. 3/4, p. 135-138, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.35753/rchsi.v4i3-4.181> Acesso em: 16 Nov. 2021.

OLIVEIRA, Alessandra Mawu Defendi. La realidad de mujeres transexuales y sus movimientos sociales en Sudamérica en tiempos de COVID-19. **Revista Ciencias y Humanidades**, v. 10, n. 10, p. 101-131, 2020. Disponível em: <https://revistacienciasyhumanidades.com/index.php/home/article/view/105>. Acesso em: 16 Nov. 2021.

RECKE, Amanda. Performatividade de gênero: Judith Butler e uma crítica à alguns conceitos desenvolvidos pelas teorias feministas tradicionais. **COMFILOTEC**, v. 7, n. 4, 2018. Disponível em: <https://www.fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-comfilotec/article/view/252>. Acesso em: 16 Nov. 2021.

ROCHA, Thaynara Ferreira; NETO, Emanuel de Jesus Carvalho; PIO, Marco Aurélio de Jesus. A (Des)Construção Social da Homofobia e os efeitos da pandemia da Covid-19 na Comunidade Lgbtqia+. In: TORRES, C. A.; GADOTTI, M. (Org.). Diálogos Contemporâneos: Gênero e Sexualidade na Pandemia. São Luíz: Editora Expressão Feminista, 2021. p. 02-16.

SANTOS, Laís Silveira. Dilemas morais da gestão pública brasileira no enfrentamento da pandemia do novo coronavírus. *Revista de Administração Pública*, v. 54, n. 4, p. 909-922, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-761220200219>. Acesso em: 16 Nov. 2021.

VIANA, Igor. Políticas da performatividade: a experiência da Praia da Estação em Belo Horizonte e a afirmação de um direito menor. **Revista de Ciências do Estado**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 1–15, 2020. DOI: 10.35699/2525-8036.2020.15143.

Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revise/article/view/e15143>.
Acesso em: 16 nov. 2021.